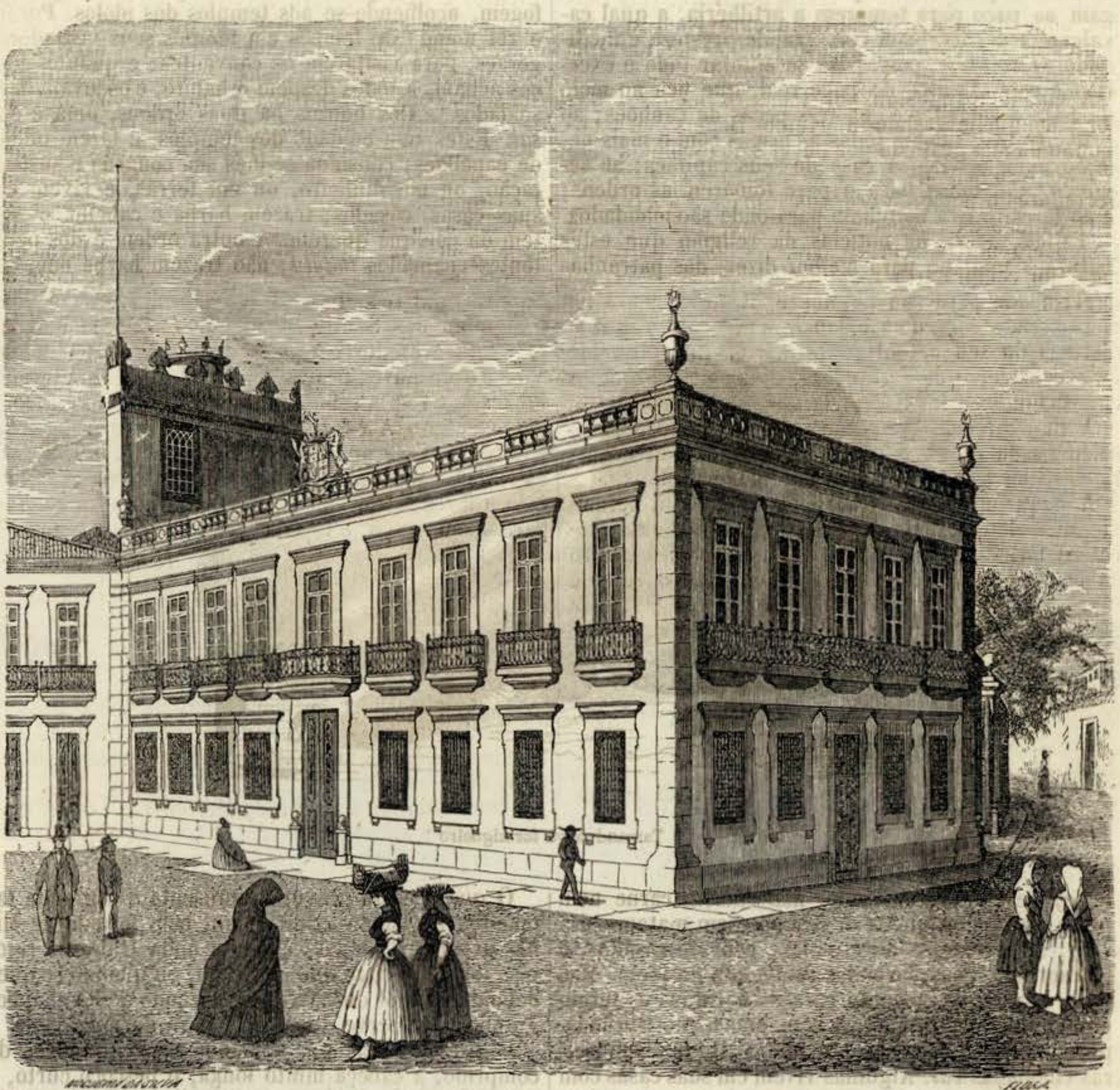
PORTO



Palacio do visconde da Trindade, e a praça de Carlos Alberto

O palacio cuja perspectiva damos em estampa, é hoje um monumento de bastante interesse historico para a cidade do Porto.

Aquelle rei magnanimo, que depois de ter estabelecido e consolidado o systema representativo na Sardenha, que se tornou sob o seu sceptro um modelo da monarchia constitucional, que se votára d'alma e corpo á liberdade de toda a Italia; esse illustre campeão da unidade italiana, martyr de uma idéa grandiosa, a quem a sorte das armas prostrou vencido nos campos de Novara, lançando para longe de si a purpura real, fugindo ao mundo, e procurando repousar a fronte, e desafogar o coração ermo de esperanças e cheio de desenganos, atravessou a Europa como peregrino, e veiu demandar asylo ao Porto, berço da liberdade de Portugal.

Entrando na cidade invicta [1] sem divisa alguma da realeza, sem mais sequito que as auctoridades portuguezas que lhe foram sair ao encontro a alguma distancia do Porto, foi pousar na hospedaria do Peixe, no largo dos Ferradores.

Permaneceu ali por alguns dias, todo entregue ao pezar que lhe roía a existencia. Depois mudou de casa e de sitio. O bulicio de uma cidade não podia convir ao espirito enfermo do monarcha que renunciára a coroa, do general a quem as vicissitudes da guerra tinham quebrado a espada, e do politico que víra derrocar-se pelos alicerces o castello de seus sonhos doirados, o plano que concebêra e afagára como uma idéa de que se devia ensoberbecer, como um pensamento civilisador e humanitario.

E lá foi encerrar-se nas solidões de uma quinta, fóra dos muros da cidade, em uma casa meio escondida entre arvoredos seculares, meio desaffrontada em larguissimos horisontes, para onde a vista se podia estender sobre a immensidade do Oceano, e por cima de serranias sem fim.

Mas nem as bellezas e amenidade da paizagem, nem o socego e tranquillidade do logar poderam dar

[1] A batalha de Novara succedeu a 23 de março de 1849, e Carlos Alberto entrou no Porto no dia 20 d'abril guardando o mais rigoroso *incognito*, sob o titulo de conde de Barge.

conforto e paz a essa alma despedaçada nas tormentas da vida, nem saude a esse corpo exhausto de forças nos trabalhos da guerra.

Em breves dias, pois, se finou o ex-rei.

O Porto cobriu-se de lucto pesado. Não foi sómente a população que se vestiu de negro. Nas ruas por onde passava o prestito funebre viam-se pendentes os crepes das portas e janellas de todas as casas.

A cidade manifestou por todos os modos a sua dor por aquelle grande infortunio. Depois deu testimunho da sua gratidão por haver sido escolhida para tão honroso asylo, dando ao campo ou largo dos Ferradores o nome de *praça de Carlos Alberto*.

O edificio da hospedaria do Peixe, que n'aquelle tempo era um palacio dos srs. viscondes de Balsemão, foi comprado e reedificado pelo sr. visconde da Trindade para sua habitação. Exteriormente foi aformoseado com uma balaustrada, e com o brazão d'armas do seu actual proprietario. Interiormente foi reconstruido com grandeza, e as salas decoradas com magnificencia.

A inauguração d'esta nova e bella residencia foi solemnisada com um dos mais brilhantes e concorridos bailes que tem havido na cidade do Porto.

A pequena praça de Carlos Alberto está actualmente melhorada. Guarnece-a uma fileira de arvores, e fórma-lhe um dos lados, o que fica fronteiro ao palacio do sr. visconde da Trindade, o vasto e rico edificio do hospital da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, edificado modernamente com boa architectura, e á custa da ordem, no logar onde existia o antigo convento dos frades carmelitas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons e simples maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a historia
Estudo em vós dos tempos e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,
Tanto mais n'esses restos fico absorto.

Delille. Os Jardins, canto IV. *Traducção de Bocage.*

I

PORTA DE ARAMENHA

Porta de Aramenha se ficou chamando a antiga porta do carro de Castello de Vide, depois que n'ella se collocou um magnifico portico de cantaria lavrada, trazido da Aramenha, da quinta da Azenha Branca.

Sobre este portico acha-se a inscripção seguinte:

«Reinando em Portugal o muito alto e poderoso senhor D. João V, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga, fundada 1906 annos antes de Christo, no sitio chamado Aramenha, transferido e posto n'este logar por Manoel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de Christo 1710.»

Explica e corrobora esta inscripção o documento, que vamos transcrever do proprio original, que temos presente:

«Manoel de Azevedo Fortes, cavalleiro professo da ordem de Christo, coronel de infanteria do partido da corte, e governador da praça de Castello de Vide por Sua Magestade que Deus Guarde.

«Certifico que, encarregando-me Sua Magestade, que Deus Guarde, a reedificação d'esta praça, que os inimigos deixaram demolida, e sendo necessario fazer-se uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar de todo incapaz a que chamavam do carro, me vali de um portado de cantaria grossa e fortissimo, que ficou inteiro entre as ruinas da antiga cidade de Medobriga, aonde chamam Aramenha, uma legoa d'esta villa, e estava servindo de portico e entrada a uma quinta que n'aquelle sitio tem Luiz Freire da Fonseca Coutinho, o qual sabendo o meu intento, e que desejava servir-me do dito portado para a fortificação d'esta praça, querendo-lh'o comprar, o offereceu gratuitamente para o serviço de Sua Magestade, sacrificando a este fim o gosto que tinha em conservar na sua quinta aquella antiguidade e memoria, pois foi fundada a dita cidade, segundo os historiadores, mil e novecentos e seis annos, antes da vinda de Christo. E com effeito, mandei conduzir o dito portado para esta praça, para se collocar na nova porta de Aramenha, e com elle se poupou á fazenda real, só no arranco e lavor das pedras, se se houvessem de mandar fazer, mais de duzentos mil réis. Passa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos, de que mandei passar o presente por mim assignado. Castello de Vide 15 de novembro de 1710. Manoel de Azevedo Fortes.» (Tem o sello das armas, de que usava). [1]

Manoel de Azevedo Fortes, para o dizermos de passagem, falleceu a 28 de março de 1749, sendo engenheiro-mór do reino, depois de haver enriquecido a sciencia da sua profissão de obras preciosas para o seu tempo, e reputadas ainda hoje classicas. [2]

R. DE GUSMÃO.

II

MEDOBRIGA

O desembargador Duarte Nunes de Leão, tratando, na *Descripção do Reino de Portugal, cap.* 4, das cidades da Lusitania que pelos tempos se desfizeram, diz o seguinte:

«Destruida jaz a cidade de Merobriga, [3] cujas ruinas chamam agora Aramenha, [4] por estarem debaixo da Serra da Estrella, que antigamente se chamava Monte Herminio. Da qual cidade se vêem vestigios de templo grande, [5] e povoação nobre, a cujos povos os geographos chamavam *plumbarios*, [6] por o estanho ou chumbo, que se alli tirava, porque a uma coisa e a outra chamam os latinos *plumbum*.»

D. Fr. Amador Arraiz, mencionando no *Dialogo* 4.º, *cap.* 10, os logares estipendiarios da Lusitania, diz a pag. 258:

«Ruinada de todo jaz Mirobriga, [7] ou Medobriga, [8] ora chamada Aramenha, sita nas raizes dos montes Herminios sobre o rio Sevér, digno de ser conhecido por sua frescura, e pela pescaria de muitas trutas que n'elle se criam. [9]

«Em meu tempo se acharam nas suas ruinas muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes letras, e moedas de ouro de bellissi-

[1] Fez a mercê de me communicar este documento, que conserva no archivo de sua casa, o sr. Alvaro da Fonseca Coutinho, bisneto do doador de que n'elle se trata.

[2] Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.

[3] *Merobriga* é, propriamente, *Santiago de Cassem*, como se vê na obra de André de Resende — *De Antiquitatibus Lusitaniæ, Lib.* IV, *pag.* 246 — Ed. de Coimbra, e em Jeronymo Soares Barbosa, *Epitome Lusitanæ Historiæ, cap.* 1.

[4] Veja-se *Aramenha* no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau.

[5] Ainda existem alguns d'estes vestigios, actualmente, em uma propriedade do sr. Alvaro da Fonseca Coutinho.

[6] Ignorâmos quaes são os geographos a que Duarte Nunes se refere; o que podemos verificar é que se falla dos *Medubricenses, qui plumbarii cognominantur*, na obra intitulada *C. Plinii Secundi Historiæ Mundi Libri* XXXVII, no *tom.* 1, *lib.* IV, cap. XXII, pag. 172, publicado *Lugduni 1561*. E a Plinio se refere, singularmente, Arraiz, sob este respeito, como se verá abaixo.

[7] *Mirobriga* é, propriamente, *Ciudad Rodrigo*.

[8] *Medobriga* é palavra celtica, pela terminação *briga*, segundo assevera Jeronymo Soares Barbosa no seu *Epitome Lusitanæ Historiæ, cap.* 1, seguindo a Duarte Nunes de Leão na *Origem da Lingua Portugueza*.

[9] Este rio nasce na serra de S. Mamede, termo de Marvão, freguezia de S. Salvador de Aramenha.

mas medalhas, [1] duas especialmente recrearam minha vista, pondo os olhos n'ellas: uma que se bateu e correu no tempo de Vespasiano censor, e Tito imperador, e Tiprociano pontifice; e outra em tempo de Trajano, como se mostra nas suas inscripções.

« Vêem-se tambem em todo o valle e varzea de Aramenha muitas torres e pontes sobre o rio Sevêr, lastros e solhos de casas nobres bem ladrilhados e lageados, e um cano de agua doce que de uma fonte corria pela cidade, muros derribados, e outros indicios manifestos da antiga frequencia de gente que n'ella havia.

« Tambem se acham pelos lados do monte, em muitos logares, abertas minas de ouro, prata, e chumbo, [2] por onde parece a razão que teve Plinio para dar cognome de *chumbeiros* aos medobrigenses. » [3]

Em nossos dias se encontraram ainda columnas de differentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios lavores, [4] medalhas de prata e bronze, algumas das quaes havemos offerecido ao nosso consocio e amigo, o sr. Manoel Bernardo Lopes Fernandes, [5] lapides com differentes inscripções, uma das quaes, ha pouco, nos foi communicada, e aqui a transcrevemos:

P. CORNELIO
C. MACRO
VERITIMA DIVO
CLAUDIO CIVITATE
DONATO
QUESTORI II VIR
EX TESTAMENTO IPSIUS
QUINTIUS CAPITO
CUM Q. F. H. P.

(Continua)

PHOCA DOMESTICADA

A presente gravura é copia exacta da phoca domesticada pelo italiano Cavana, que está em exposição n'esta capital.

Conta elle que a pescara na edade de tres annos, e lhe levára um anno a domesticar, e a ensinar-lhe tudo que lhe vimos fazer, que é realmente maravilhoso.

De todos os amphibios domesticados que tem vindo a Lisboa, nenhum mostrou tanta habilidade como este.

Obedece a todos os mandamentos do seu dono, em francez e italiano, beija-o no rosto e nas mãos, dá-lhe as suas, revolve-se na tina d'agua em que está o numero de vezes que lhe ordena, trépa á borda da tina, e ahi comprimenta com meneios de cabeça a todos os circunstantes, beijando a mão aos que não tem receio de lh'a chegarem á bocca. Responde com vozes enternecidas ás perguntas que o dono lhe faz, e acaba por comer o peixe que lhe deita, estripando-o ella primeiro, e depois, lavando-o muito bem, é que o engole com sofreguidão.

Tem esta phoca 2 metros de comprimento, e 58 centimetros de circunferencia na parte mais grossa do tronco. A cabeça e olhos parecem de um bezerro. O pello é castanho escuro pela lombada, e branco pela parte inferior.

Para que seja mais conhecida a historia natural das phocas, vamos extractar a larga descripção que d'ellas deixou escripta o nosso insigne naturalista Felix de Avellar Brotero.

Entre os quadrupedes mammalios, na tribu das féras, ou carnivoros, ha uma pequena familia de amphibios quasi immediatos em gradação aos cetáceos, assás notavel pela sua fórma e natureza. Chamaram-lhe *phocas* os antigos gregos, e debaixo d'este nome Aristoteles, Eliano e outros trataram d'elles, mas mui succinta e limitadamente, por não terem podido adiantar o seu conhecimento mais que ao de algumas especies proprias do Mediterraneo, e mar Vermelho. Virgilio e outros antigos romanos conservaram-lhes o mesmo nome, e alguns, entre elles Plinio, lhes chamaram tambem *bezerros marinhos*.

Estes animaes, considerados em geral desde a phoca commum até ao leão e elephante marinhos, que são as suas maiores especies, tem o corpo alongado e de robusta firmeza, mais grosso no peito, e d'ahi até á cauda mais ou menos conicamente adelgaçado, como os peixes, sem que n'elle se distingam quadris ou nadegas bem assignaladas. Todos elles são pelludos; os cabellos n'algumas especies são bastos, deitados para traz, rasos e asperos; em outras são mais ou menos compridos e macios; a côr d'elles varía muito, não só conforme as especies, mas ainda segundo a edade; em algumas são negros, brancos, amarellos, ruivos, cinzentos, ou côr de gris; e em outras são malhados d'algumas d'estas côres. A edade os faz tomar quatro ou cinco diversas côres nos individuos de algumas especies.

A configuração da cabeça e focinho propende mais ou menos para o cão, lobo, ou bezerro, segundo as diversas especies, e tambem conforme os individuos sexuaes da mesma especie; d'onde penso que por isso, não menos que pelas suas vozes muito similhantes as d'aquelles animaes, lhes deram os antigos os nomes de cão ou lobo marinho, e de bezerro ou boi marinho. Tem o nariz mais ou menos rombo, as ventas grandes, e n'ellas uma especie de valvula, por meio da qual se podem facilmente fechar quando mergulham e nadam. Os bigodes, assim como as sobrancelhas, são formados por sedas de varia grandeza, cylindricas, ou um tanto chatas, e ás vezes nodosas, ordinariamente esbranquiçadas, negras ou malhadas. Os olhos estão altamente situados, e de ordinario são grandes e proeminentes; a pupilla é branca, cristallina, amarellada, ou avermelhada, defendida pela membrana nictitante que está posta por baixo da palpebra superior; nasce do canto interno do olho, e é movida á vontade do animal.

Ha muito poucas especies que tenham orelhas, a maior parte só tem, simplesmente, dois buracos auditivos, um de cada lado. O cerebro e cerebelo são proporcionalmente maiores que os do homem; sem embargo d'isso não mostram ter uma superioridade de instincto proporcionada á grandeza d'estes orgãos. A bocca é guarnecida de trinta e quatro, ou trinta e seis dentes; no queixo de cima tem seis ou quatro incisores, dois ou quatro caninos, e dez ou doze queixaes. A lingua é chanfrada na ponta; tem papillas ou grãosinhos molles, muito pouco elevados e sem occasionar aspereza notavel.

Posto que verdadeiros quadrupedes, os seus quatro pés são muito curtos, pouco saidos fóra da pelle do corpo e tarso, em quasi todas as especies, exce-

[1] Talvez seja escusado advertir, que, sendo as moedas destinadas ao commercio, como as medalhas a perpetuar memorias, as moedas antigas e já fóra do curso são reputadas pelos litteratos como medalhas, e as contemplam na Numismatica; e d'esta consideração procede, por ventura, o modo de dizer do bispo Arraiz.

[2] Uma d'estas galerias ainda, ao presente, se acha no mesmo estado em que a descreveu Antonio Patricio, no seu *Diccionario Geographico*, palavra *Aramenha*, i. e., constitue uma caverna profunda sita no infimo da serra da Portagem para a parte do occidente, que terá trinta e tres metros de altura, e faz para a parte do norte outra caverna tão comprida, que se não sabe o comprimento que tem, pela escuridade.

[3] Não devem confundir-se com os *Pesures*, como adverte João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal, tom. 1, pag. 231*, segunda edição.

[4] Diz Balbi no seu *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal* etc. *tom. sec., pag. 200*: « *Dans une* quinta *de son territoire* (Marvão) *appartenent au marquis de Tancos on a trouvé beaucoup de vases de terre, de medailles, d'inscriptions et autres antiquités; on y a découvert des débris d'anciens batiments jusqu'à la profondeur de deux toises. Les auteurs portugais prétendent que c'est l'ancienne Medobriga.* »

[5] E conservador do gabinete numismatico da academia real das sciencias de Lisboa, e A. da *Memoria das Moedas correntes em Portugal desde o tempo dos romanos até ao anno de 1856*.

pto no urso marinho, que os tem não tanto immersos n'ella. Em todos elles ha cinco dedos, reunidos nos seus intervallos por membranas, pelludas ou calvas, e guarnecidos de unhas; os das mãos, ou pés anteriores, diminuem pouco a pouco no comprimento, desde o pollegar até ao minimo, mas nos pés posteriores o pollegar e minimo são mais compridos, e os outros mais curtos. A estructura espalmada dos dedos serve-lhes como de barbatanas ou remos para nadar; fóra d'agua servem-se das mãos, que são menos espalmadas, para aferrarem os corpos sólidos, treparem e arrastarem a parte posterior do corpo e pés, que mais embaraçam do que ajudam a andar. A cauda é curtissima, e está situada entre os pés.

A columna vertebral move-se com grande facilidade, por ser guarnecida de musculos fortes que a podem fazer curvar á vontade do animal. Tem de cada lado quinze costellas, dez verdadeiras, que anteriormente se articulam entre os dez ossiculos estreitos do sterno, e cinco falsas; não tem claviculas; a bacia ou cavidade óssea, situada na infima parte do tronco, é muito estreita, e muito mais alongada do que ordinariamente costuma ser a dos outros quadrupedes, o que contribue muito para estes amphibios serem bons nadadores. O osso sacro é composto de quatro vértebras falsas, e o coccyx ou cauda interna, juntamente com a externa, de doze.

Segundo Cuvier, o estomago d'estes animaes é singelo, e não composto como o dos ruminantes, o que parece ser mais provavel do que a opinião de Persons e outros, os quaes dizem, que em algumas especies de phocas o estomago é similhante ao do boi. Todo o canal dos intestinos é assás egual e muito comprido; mas o intestino cego muito curto. O figado não deixa de ter fel; posto que pouco, e n'isso se enganou Aristoteles.

O dr. Daubenton, meu inclyto mestre, e muitos outros insignes naturalistas e anatomicos, foram de parecer, que o buraco oval do coração das phocas, existia sempre aberto como o do féto no utero materno, e que por isso podiam persistir debaixo da agua muito tempo, e até alguns mezes sem respirar; mas nada d'isso é assim, segundo nota Cuvier, o qual diz comtudo, que no figado d'estes animaes ha uma grande sinuosidade venosa, muito propria para os ajudar a prolongar o tempo dos seus mergulhos, e a fazer menos necessaria a respiração para o movimento do sangue. Esta opinião precisa de ser confirmada por novas observações; comtudo, não deixa de ter a seu favor algumas circunstancias, as quaes indicam, que as phocas não podem estar tanto tempo debaixo d'agua sem respirar, como se tem dito, porque, quando estes amphibios são conservados vivos em grandes tinas d'agua salgada, costumam vir repetidas vezes respirar ao lume d'agua, e o mesmo fazem nas enseadas do Norte, e é quando elles deitam a cabeça fóra d'agua que os caçadores lhes atiram com bala, ou os fisgam; em fim, costumam romper, com a cabeça e focinho, a crusta de caramélo, mais ou menos grossa, que estanha as aguas das bordas dos mares e lagos gelados nas estações frias, o que parece fazerem, principalmente, com o intuito de respirarem o ar atmospherico.

As phocas parem fóra d'agua um, dois, ou tres filhos, commummente, e algumas especies ás vezes quatro. Criam os filhos com grande cuidado nos mesmos logares em que os deram á luz, durante doze ou quinze dias, e as especies maiores durante dois até tres mezes. Servem-lhes de assento os pés posteriores em quanto dão de mammar aos filhos; depois de desmammados a mãe é que os conduz ao mar, ensina-os a nadar e a buscar sua vida, e quando os vê cançados põe-nos ás costas. Todos tem muito tino e esperteza; reconhecem sua mãe ainda que esteja entre a mais numerosa manada; distinguem-lhe a voz, e acodem logo quando ella os chama. Se os apanham e roubam ás mães, miam muito, e ás vezes querem antes morrer de fome, do que pegar no comer que lhes offerecem.

Posto que os machos d'estes amphibios sejam muito ferozes e furiosos no tempo do cio, de modo que chegam então a atacar o homem, passado esse tempo são mansos, como sempre costumam ser as femeas, e a ninguem accommettem sem provocação, como quando os caçadores os investem, que então ladram e fazem todos os esforços para morder e se vingarem; defendem-se e auxiliam-se uns aos outros animosamente, e quando são picados pelas aves aquaticas, cospem-lhes o peixe que estão mastigando.

São as phocas de constituição rija e de vida tenacissima, pois ainda que feridas mortalmente, não morrem sem ter perdido quasi todo o sangue, e até esfoladas dão signaes de vida revolvendo-se como a cobra. A sua carreira vital parece ser de cem annos, ou mais, tanto em razão do seu volumoso corpo, como pelo muito que se aproximam á tribu dos cetáceos, animaes muito mais vividoiros do que ordinariamente costumam ser os quadrupedes terrestres.

Sem embargo de serem as phocas mui differentes, pela sua estructura, dos quadrupedes domesticos, são comtudo capazes de ensino. Mettidas em tinas d'agua salgada, e n'ellas alimentadas com enguias e outros peixes, costumam-se á voz de seu dono, e quando este as chama pelo seu nome respondem com um certo som de voz fagueiro; sáem fóra da agua, lambem-lhe o rosto, beijam-lhe a mão, e aprendem a fazer diversos meneios, e outros muitos gestos, no que dão signaes de grande instincto e docilidade.

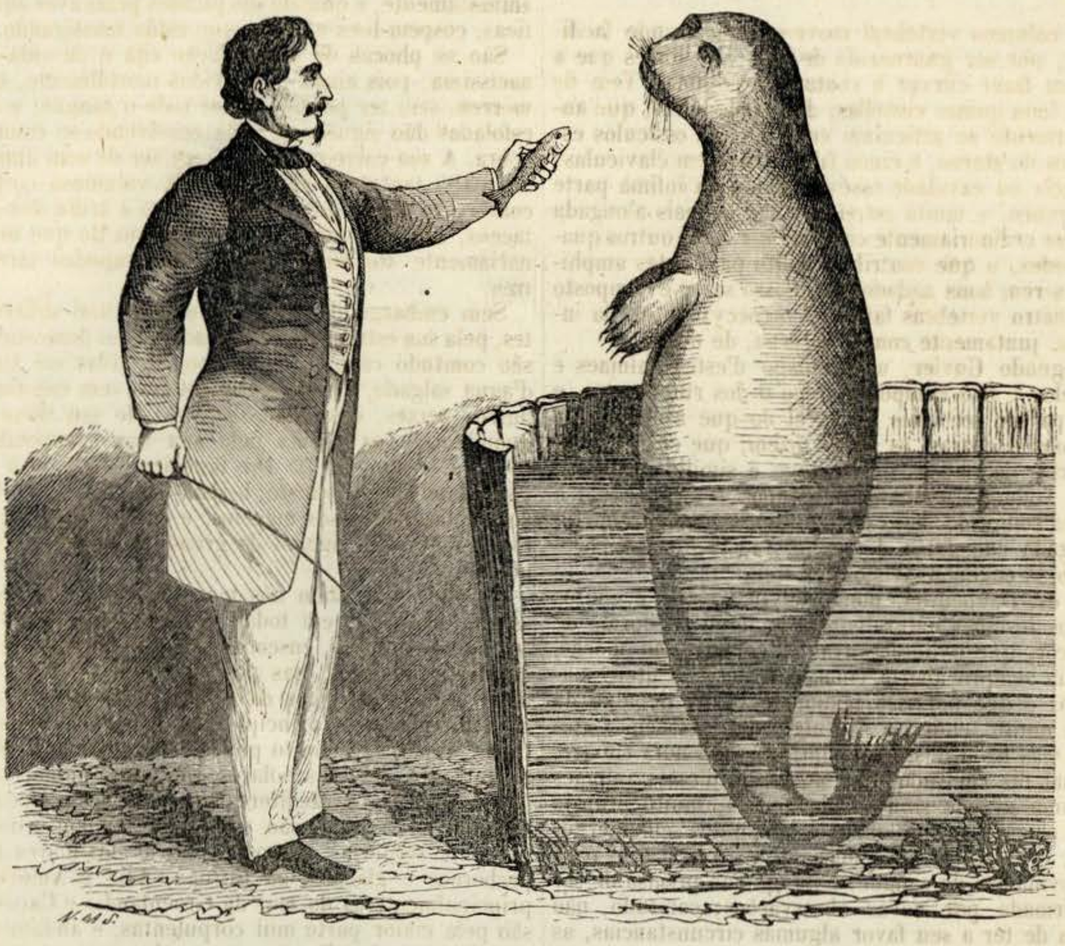
As phocas habitam nos mares e costas de todos os continentes, e em todas as zonas; encontram-se em muitos golphos, enseadas, angras, barras e fozes de rios caudalosos, nas praias de varias ilhas, no mar Caspio, nos lagos da Siberia e da Russia. Na zona torrida, e no principio das duas zonas temperadas, apparecem muito poucas; mas no fim d'estas e dentro dos circulos polares, são muito numerosas. As do mar Negro, Mediterraneo, e do nosso Oceano atlantico occidental, são menores, e andam ordinariamente solitarias ou aos pares; as dos mares hyperbóreos e glaciaes da Europa, Asia e America, principalmente as do mar da Groenlandia e Canadá, são pela maior parte mui corpulentas, e andam em grandes manadas. Da mesma grandeza e numero são as dos mares austraes frios, e costas das terras de Magalhães, da ilha de João Fernandes, e de algumas outras. Para a banda da linha equinoccial, no mar e costa do Brasil, apparecem algumas proprias tanto do oceano Atlantico, como do das ilhas da terra do Fogo, mas de ordinario solitarias; e Pero de Magalhães de Gandavo, na sua *Historia da terra de Santa Cruz*, faz menção de uma phoca, de que dá estampa, morta á espada por um intrepido mancebo portuguez.

Ha varios modos de dar caça a estes amphibios. Commummente costumam os caçadores matal-os batendo-lhes no focinho, onde são muito sensiveis, e depois na cabeça com croques, ou grossos cajados, modo este mais seguro do que atirar-lhes com bala; porque, como são muito vivazes, ainda que feridos mortalmente pelas balas, assim mesmo succede fugirem para o mar, arrastando-se pelas praias, ou precipitando-se das rochas em que estavam a dormir. Outros mettem-lhes um chuço pela bocca dentro, que tem sempre aberta quando os irritam, até lhes penetrar nas goélas, e assim os suffocam;

mas muitos partem o chuço com os dentes, e escapulem-se. Alguns harpôam-nos ficando a harpoeira atada na praia a uma estaca forte, ou indo-a largando pouco a pouco os caçadores que estão nas canoas, até que os animaes feridos cada vez mais pelos harpões, fiquem de todo esvaídos em sangue.

Os selvagens da extremidade oriental da Asia atiram-lhes com settas hervadas, e os fazem morrer envenenados, segundo dizem, dentro de vinte e quatro horas; outros costumam com grande destreza apanhal-os com laço de cordas.

Os habitantes dos paizes mais septentrionaes da Europa, Asia, e America, como tambem das terras de Magalhães, tiram da caça d'estes amphibios grande utilidade, empregando os seus despojos em varios usos. Os groenlandezes aproveitam as pelles das phocas para se vestirem, e para cobrirem as suas cabanas e canoas; da carne fresca se alimentam; sêcca e curada ao fumeiro, serve-lhes de grande soccorro no inverno, quando não podem caçar nem pescar; tiram dos toucinhos muito azeite; utilisam os nervos e fibras tendinosas para fios com que se cosem, usam das tripas bem limpas e adelgaçadas em logar de vidraças, e das bexigas fazem almotolias para o azeite das suas cozinhas. Estes interesses movem os groenlandezes a exercitarem-se, desde rapazes, na



Phoca domesticada

caça das phocas, e o que n'ella se distingue, adquire tanta gloria como se fosse n'um combate contra os inimigos da patria!

No Canadá, em Nova-Escocia, e outros paizes do norte da America, os selvagens matam muitas, comem-lhes tambem a carne, tiram egualmente do toucinho e banhas muito azeite, de que usam nas suas comidas, para frigir peixe, e para luzes, pois é muito melhor que o das baleias e outros cetáceos, mais claro, sem mau cheiro, sem fumo, e sem deixar borra no fundo das vasilhas. Das pelles fazem odres, que lhes servem de jangadas, e as empregam tambem em pelliças com que se vestem; vendem-nas aos europeus para forrar pelliças, para regalos e outros usos, visto que sendo bem limpas de carne e pello, depois curtidas por habeis surradores, tomam a apparencia de moscovia ou marroquim; duram muito sem se esfolar, e são boas para sapatos, botas, borzeguins; para cobrir bahús, cadeiras, malas, etc.

No estreito de Magalhães, nas ilhas da terra do Fogo, e outras dos mares austraes, onde ha um grande numero das especies maiores, os selvagens aproveitam a pelle das phocas que podem caçar para cobrirem a sua nudez.

As especies d'este genero de feras amphibias, posto que não sejam numerosas, comtudo, por causa de alguns distinctivos singulares que se acham na sua estructura organica, tem sido distribuidas pelos naturalistas em duas familias. A primeira consta das *phocas otorias*, assim denominadas por terem orelhas, os quatro dentes incisivos do queixo superior serem eguaes, e cada um d'elles transversalmente partido em fórma de duas cunhas afiadas, singularidade que se não acha em nenhum outro animal conhecido; a membrana que reune os dedos dos pés é calva, prolonga-se muito além das unhas, e termina em cinco profundos recortes; o pello é menos raso que o das seguintes. A segunda comprehende as *phocas verdadeiras*, as quaes tem sómente um buraco auditivo, sem indicio algum de orelha ou con-

cha externa; todos os dentes incisivos do queixo superior são indivisos, e a membrana dos dedos dos pés toda pelluda, egual, ou muito pouco mais comprida que as unhas.

Todas as especies de phocas passam a maior parte da vida nas aguas; quando vem á terra afastam-se pouco das praias, e sobre o gelo lhes é tão supportavel o frio como os grandes calores sobre a terra. Sustentam-se ordinariamente de peixe e mariscos, e, segundo alguns naturalistas, comem de tudo, por serem tão carnivoras como herbivoras.

O som das vozes da phoca varía com as especies: algumas ladram como cães, uivam como lobos, ou dão mugidos como bois; outras rincham como cavallos, ou grunhem como porcos; e ordinariamente na tenra edade parecem miar como gatos, ou dar balidos como cordeiros. A grande quantidade de sangue crasso e negro, como tambem a muita gordura e grossos toucinhos, fazem a phoca summamente pesada; isto, com a estructura dos pés dirigidos para traz como a cauda, ficando-lhe as pernas e côxas inteiramente reclusas na pelle do corpo, parece que as torna animaes mancos ou estropiados reptis; comtudo, quando saem da agua, agarram-se agilmente com as mãos, dentes e focinho a tudo que se lhes apresenta, quer sejam penhascos ou cachopos, quer pedaços de gelo fluctuantes e escorregadios; e apesar de que se movam com muito custo, coxêem, ou pareçam mais arrastar-se do que andar, não deixam comtudo de subir promptamente por altas e escarpadas rochas, e ás vezes, quando feridas, descem tão depressa que escapam aos caçadores. Não se assustam com relampagos, nem trovões, antes parecem recrear-se com elles, pois no tempo das trovoadas deixam os gelos fluctuantes, para não serem molestadas pelos seus embates, saem d'agua, e vem ás praias apanhar a chuva que lhes dá grande prazer. Gostam de dormir ao sol, e ás vezes tambem ao luar, nas areias e penedos, nos cachopos á flôr d'agua, e tambem sobre o gelo. Dormem muito, e parece que não ha animal que tenha o somno mais pesado, por isso os romanos lhes comparavam os dorminhocos, e chegavam mesmo a crer que a mão direita da phoca tinha virtude soporifera, e que posta debaixo da cabeça provocava o somno. Ordinariamente póde-se chegar a estes animaes no seu estado dormente sem elles accordarem, e é assim que muitos caçadores os assaltam, apprehendem ou matam; mas quando se acham em rebanho, ha sempre algumas que fazem sentinella, em quanto as outras dormem, e ao menor signal de rebate toda a manada foge para o mar.

A imaginação dos antigos, ou antes, a phantasia dos poetas, dos amigos do maravilhoso, viu na phoca uma deidade marinha, a que chamaram Serêa, attribuindo-lhe uma voz tão seductora, que fazia parar os baixeis, e por tal modo irresistivel que nem o astuto Ulysses se julgou seguro, se não amarrado ao mastro grande, como tão poeticamente fabulou Homero.

A estranheza de ouvir o coro de vozes e suspiros que fazem os rebanhos de phocas no mar, onde todos os viventes são mudos, deu origem a esta crença, a qual passou a proverbio universal.

TANGER

(Vid. pag. 331)

Concluiu o doutor João d'Ocem a falla que fez ás cortes por estes quesitos:

Que tendo todos parte n'aquelle negocio, ajudassem el-rei a buscar algum meio com que se ecusassem duas coisas de tanta affronta para o reino, como era dar-se aos moiros a cidade de Ceuta, chave da christandade, que tanto sangue custára, ou ficar em captiveiro um principe innocente por salvar os seus naturaes. Que havendo de se dar Ceuta, que segurança lhes parecia se devêra tomar para a entrega d'ella e recebimento do infante, pois era caso para temer de homens de tão pouca fé e verdade como eram os moiros, os quaes pouco havia tinham quebrado os tratados, havendo refens de parte a parte.

Depois de muitas outras razões, encommendou a todos — *désse cada um a el-rei seu parecer por escripto, para mais bastante informação.*

Acabada esta falla, mandou el-rei ler em publico certos apontamentos que o infante D. Fernando lhe mandára e ao seu conselho, estando ainda em Arzila, nos quaes, como homem desejoso de sair do captiveiro, referia algumas razões por que não vinha bem a el-rei nem a seus reinos negar-se a cidade de Ceuta, declarando que os moiros não tinham quebrado o contrato, como lhes imputavam, porque os christãos é que haviam dado causa a isso.

Os procuradores das cortes, ouvido bem tudo, deram seus votos por escripto, *de que se ajuntou grande escriptura*, mas todos os votos se reduziram a quatro tenções.

Primeira. — Que o infante havia de ser livre, e Ceuta se devia dar por elle sem nenhuma dilação nem impedimento, visto como para remedio e salvação de todos os cercados offerecêra a sua vida e liberdade a duro captiveiro e á morte. Que além d'isso, o contrato feito com os moiros, firmado pelos infantes D. Henrique e D. Fernando, conde d'Arraiolos, bispo de Evora, marechal, capitão-mór do mar, e por outros do conselho, sendo quebrado, trazia grande infamia a el-rei e á nação portugueza. D'este parecer foram o infante D. Pedro e D. João, com outras pessoas principaes, aos quaes seguiram a maior parte dos procuradores das cidades e villas do reino.

Segunda. — Que posto el-rei quizesse, não podia dar Ceuta aos moiros sem auctoridade expressa do santo padre, approvada pelo consistorio dos cardeaes; porque dando-se aquella cidade, ficavam profanadas e em poder dos moiros as egrejas, onde o culto divino era celebrado; e que para resgatar um só homem se não podiam converter os templos a usos profanos. Em parte seguiu D. Fernando, arcebispo de Braga, este voto, com o qual concordaram mais pessoas, em numero, que os da primeira opinião.

Terceira. — Que el-rei devia dilatar o resgate do infante por algum tempo, para o remir por dinheiro, ou por grande numero de captivos; ou convocar o papa e reis christãos a passarem com grande poder contra os moiros, e haverem o infante. Que quando isto não succedesse, em tal caso se devia dar Ceuta, sendo el-rei primeiro aconselhado de theologos e canonistas, que sem offensa de Deus a podia largar.

Quarta. — Que el-rei não podia tirar de si a cidade de Ceuta por seu irmão, nem ainda por seu filho o principe, posto que estivera captivo. Isto sustentou o conde d'Arraiolos, para o que trouxe muitas razões efficazes, e muitas auctoridades das santas escripturas, que muito persuadiram, por o conde ser homem de maduro juizo, prudente, justo, e temeroso de Deus; e por tal estimado del-rei e de todo o reino, pelo que este seu voto seguiu a maior parte da gente.

Cada um d'aquelles conselhos que a el-rei se deram, o fazia mais triste; porque, se executava o voto dos infantes, e largava Ceuta, achava em seu juizo grandes contradicções; e por serem irmãos do infante captivo, parecia-lhe seu conselho suspeito; e por ser tambem a opinião que menos vozes tivera. Lem-

brava-lhe, que tirar da sua coroa a cidade de Ceuta, era tirar uma das pedras preciosas que seu pae com tanta honra ganhára, cujo titulo mandára escrever em sua sepultura, e agora ficaria vão. E em fim, que se ia perder tanta honra por uma pessoa mortal, que em saindo do captiveiro podia logo morrer.

Tambem lhe lembravam as muitas reprehensões que recebêra dos principaes do seu reino, por consentir e favorecer a ida de seus irmãos a Africa, que foi causa do fim desastrado que teve. D'outra parte, se a não largava, via-se atormentado de saudade e dor de seu irmão legitimo e muito amado, o qual, pela salvação de seus vassallos, pozera a vida em penhor, nas mãos de depositarios tão crueis. Parecia-lhe pois grande ingratidão, consentir na morte deshonrada d'aquelle a quem devia procurar honrada vida.

Depois de muitas contradicções que teve comsigo e com os do seu conselho, determinou-se em dilatar o resgate do infante, até dar conta ao papa, a el-rei de França, e aos outros reis christãos com quem tinha amizade, aos quaes mandou pedir conselho e favor, do que não houve mais ajuda que consolações sêccas, pareceres de se não largar Ceuta, mas dever-se resgatar por outro preço, palavras mais de comprimentos que de offertas para o resgate! No que aquelles principes mostraram pouco primor, e menos christandade (acrescenta Duarte Nunes).

(Continua)

COCHINCHINA

(DESCOBERTA PELOS PORTUGUEZES)

(Conclusão. Vid. pag. 390)

O anno, assim ecclesiastico como politico, para os cochinchinas, chinas e japões, começa no nosso mez de fevereiro, e o compõem de doze luas, umas de vinte nove, e outras de trinta dias. Porém como o anno lunar tenha menos dias que o anno solar, por isso cada tres annos vem o seu bissexto, no qual contam treze luas.

Fazem o dia com a noite de doze horas, dando duas européas a uma sua, e as começam a contar das nossas onze da noite. Não as chamam com as palavras numeraes, uma, duas, tres, etc., mas com os nomes de animaes, com esta ordem: pato, bufalo, tigre, gato, dragão, cobra, cavallo, cabra, bugio, gallinha, cão, porco.

Os dias de festas principaes são os tres primeiros do anno novo, e o quinto da quinta lua, ou mez, nos quaes se visitam e se convidam uns aos outros. As festas ordinarias, e menos solemnes, são o primeiro e o decimo quinto dia de todas as luas, nos quaes acodem os freguezes levando suas offertas de comer, e de velas ao idolo, e de tudo se aproveitam os bonzos, os quaes para maior pompa da solemnidade, e para chamarem mais gente á festa, na vespera largam uma bandeira sobre um mastro arvorado, e começam a repicar os sinos, que são de bronze, e muitos d'elles bem grandes, os quaes tangem nas abas de fóra com martellos de pau, em logar de badálos.

As figuras de seus deuses, a que chamam *but*, são de barro, de pau doirado, e tambem de bronze; mas todas de vulto e inteiras. Porém se as não tem de vulto, escrevem o nome do idolo, e pendurado o papel, o adoram, e lhe fazem suas offertas como fariam á estatua.

Não ha em toda a Cochinchina templo de idolo nenhum que seja grandioso, porque as pessoas de entendimento acham logo deformidade em crerem divindade em homens que, ou não foram mais que os outros, ou são mui viciosos pelo que ensinam seus mesmos livros, nos quaes se diz: Como nas partes da India oriental houve um principe (quasi dois mil annos antes da vinda de Jesu Christo) chamado Nhennhuc, filho d'el-rei Tringphan, e da rainha Madaphunhan, o qual casou com Dadú, filha de outro rei visinho, e teve d'ella uma filha. Este principe, como fosse muito sagaz, e mui ambicioso de gloria, desejando o tivessem por mais que homem, se deu á arte magica. Mas reparando nos impedimentos e divertimentos que tinha no paço e em sua casa, ausentou-se secretamente da corte, e se retirou a um logar deserto entre aquelles solitarios bosques, para se aperfeiçoar no que tanto desejava saber. Ali lhe appareceram dois demonios, Abalão e Cabalão, e lhe foram ensinando não sómente a arte magica, mas tambem o verdadeiro atheismo, persuadindo-lhe o fosse publicar em suas terras, e ensinar a seus vassallos; e para maior auctoridade, tendo o grau de doutor d'esta nova seita, lhe deram o novo e glorioso titulo de Ticca. Voltou este endemoninhado para o seu reino, e foi recebido de seus vassallos com grandes festas; mas quando o ouviram ensinar — não haver Deus, e tudo ter seu ser ao acaso, e a alma do homem não ser immortal — não quizeram receber suas doutrinas, nem o respeitavam como a rei sabio e prudente, porque seus dictames encontravam a toda a boa razão. Reparando o novo mestre na pouca acceitação d'estas suas opiniões, começou a dictar as contrarias, ensinando publicamente a transmigração das almas, o culto dos idolos, e finalmente acabou por dizer — que era o creador e governador do ceo e da terra! Aos discipulos, porém, de maior capacidade, e de experimentado segredo, lhes ensinava em particular — não haver Deus, que tudo nascêra do nada, e no mesmo nada se acabaria.

Estas diabolicas doutrinas, professadas nas partes da India por tantos seculos, foram levadas á China depois do nascimento de Christo. Com esta occasião, o imperador da China chamado Han-Minh, teve um sonho (pelo que referem os annaes d'aquelle imperio) no qual lhe foi ordenado, mandasse buscar a verdadeira religião ou culto divino ás partes do grande occidente. Despediu logo o imperador enviados para este effeito, encarregando-lhes a execução de negocio de tanta importancia.

Chegaram estes á India, que a respeito da China jaz ao poente; e cançados das viagens, saudosos de suas casas, determinaram não ir mais adiante. E perguntando pela lei que alli se guardava, fizeram apontamentos d'ella, e os levaram ao imperador, dizendo ser aquella do grande occidente.

Acceitou-a logo o imperador a olhos fechados, e mandou se guardasse em todo o imperio e senhorios pertencentes á China.

Mui louvavel foi o cuidado d'este monarcha em buscar a verdadeira religião, porém foi imprudentissimo o seu arremeço em a receber e mandar guardar sem preceder o devido exame — se continha ou não coisas contrarias á razão — que é a regra que faz distinguir o falso do verdadeiro. Esta precipitada resolução do imperador foi, e é ainda, causa de que o infame e abominavel Ticca, que não merece ser tido por homem, por ter vivido peor que bruto, seja adorado por Deus, e se lhe levantem altares em toda a China, Japão, Cochinchina e Tonquim, com perda de tantos milhares de milhões de almas. Sómente os letrados, e os de melhor juizo, não guardam esta lei, nem adoram tal deus pelo conhecerem vicioso, e sua lei ter erros enormes contra os dictames de todo o bom discurso. Bem encaminhados irião estes, se assim como deixam o errado caminho da idolatria, fossem em busca do verdadeiro Deus. Mas cançados

na carreira dos vicios, ficam parados; nem tratam de conhecer ao Creador de todas as coisas, para o não temerem vingador de suas torpezas. Seriam estes em tudo atheus, se não tivessem por Deus seu ventre, tratando só, como epicuros, de comer, e cevarem-se com todos os regalos do corpo; e seriam tambem brutos no entender, como o são no viver, se não cuidassem, e não tivessem por certo, ser a alma do homem immortal. É opinião constante d'estes naturaes, que todas as felicidades que gozam, e infortunios que padecem, lhes vem do cuidado ou descuido que tem dos ossos e alma do pae ou avô defuncto; por esta razão todos elles, em particular os ricos, offerecem cada dia mantimentos ás almas de seus paes, para que não padeçam fome, e desesperadas lhes causem aos filhos doenças, ou outros males e desastres. Este medo é que obriga os filhos a desvelarem-se no cuidado dos paes depois de mortos, aos quaes, quando eram vivos, muitas vezes não soccorriam em suas necessidades e os deixavam perecer. [1]

Perguntando um padre da companhia de Jesus a tres cochinchinas idolatras (que chamavam cruel a lei dos christãos, por não permittir se offerecessem iguarias ás almas dos paes), que coisa tomavam aquellas almas, visto depois da offerta feita, e acabada toda aquella ceremonia, não faltar nada do que d'antes estava na mesa. Responderam, que as almas chupavam a substancia. Replicou o padre: Se tiravam a substancia, como era que os parentes vivos, comendo depois aquellas mesmas iguarias, ficavam fortes e fartos; e bebendo aquelle mesmo vinho offerecido á alma, ficavam muitas vezes alienados do juizo? Conheceram logo os tres o erro em que viviam, e todos elles pediram o santo baptismo, que receberam depois de serem bem instruidos.

Bastará o que até aqui se tem dito, para as noticias do principio, sitio, e qualidades do reino da Cochinchina, como tambem dos costumes, politica e religião d'aquelles naturaes, que tão bem acolheram os portuguezes seus descobridores no começo do seculo XVI.

[1] Vid. a pag. 232 d'este vol. o artigo: *Funeraes na Cochinchina.*

FIGURINO PARA BRINCOS DE ORELHA

É tão caprichosa e extravagante a moda, sobre tudo quando impera no toucador das damas, que não nos pareceu de todo despropositado darmos como figurino, para tentar algumas matronas que nunca envelhecem para as modas de Paris, ou sequer para alguma exotica mascara do presente carnaval, a orelha de um selvagem da America com os brincos de que por lá usam.

É sabido que a moda de trazer argolas, arrecadas, ou brincos nas orelhas, remonta á mais carunchosa antiguidade, como enfeite commum aos homens e ás mulheres. Já no principio do mundo andavam tanto em moda os brincos de orelha entre os dois sexos, que foi d'elles que se fundiu o bezerro de oiro que adoraram os nossos antepassados, os judeus, costume que ainda não perderam seus netos, que somos nós todos.

Os orientaes e os africanos usam muito de argolas nas orelhas, e muitos povos as trazem tambem nos beiços, os botocudos, por exemplo, trazem ainda umas rodelas nas orelhas e no beiço inferior. Cá na Europa ha tambem quem se deixe prender pelo beiço, mas não com similhantes aziares.

A orelha que temos a honra de apresentar a nossos leitores foi tirada... a lapis, do vivo, pelo dr. Demersay, na viagem scientifica ao Paraguay (America meridional) em 1844-47, e que só agora está imprimindo.

Notou elle que todos aquelles indigenas, os lenguas principalmente, homens, mulheres e crianças, traziam nas orelhas umas rolhas ou batoques de madeira, que mediu e verificou terem no sentido longitudinal 6 centimetros, e de diametro mais de 4. Soube que assim que nascem logo lhes furam as orelhas, e lhes mettem um torno, que vão successivamente substituindo por outro maior, até que, quando chegam á edade de 40 annos, o buraco tem as dimensões que se podem ver na gravura junta!

As mulheres, ordinariamente, em logar de madeira, usam de um pedaço de cortiça enrolada em espiral como a mola de uma pendula. Então é que se póde dizer que trazem as orelhas arrolhadas...

A estes brinquinhos, sejam de madeira ou de cortiça, chamam os indigenas do Paraguay *ilaské*.



Figurino para brinco de orelha

Não percebemos, porém, como aquella gente se póde deitar com similhante trambolho nas orelhas! Verdade seja que muitas das nossas damas, que aliás passam por mimosas, dormem com brincos muito grandes e muito pesados, de oiro, camafeus, pedras, etc. Isto prova que temos por cá alguns usos e modas selvagens.

Em summa, se alguem quizer usar d'esta, ahi tem o figurino.

Um leão em pequeno se ameaça. Aos proprios ferros da gaiola, em que vive preso, toma affeição um passarinho, sendo aquelle por seu natural feroz e este livre. É a creação outro nascimento; e se em alguma coisa differe do primeiro, é só em ser mais poderoso este segundo.

Os mais annos são grandes arrhas no casamento em favor da auctoridade do marido.

D. FRANCISCO MANUEL.